

"A PAZ É OBRIGATÓRIA"

Nos dias 30 e 31 de Dezembro de 1972, um grupo de algumas centenas de cristãos e não cristãos, reuniu-se na Capela da Calçada Bento da Rocha Cabral em Lisboa, reflectindo sobre o problema da guerra em Angola, Guiné e Moçambique e as formas de conseguir a Paz. Algumas dessas pessoas, em solidariedade com as vítimas dessas guerras e como expressão visível da sua determinação, propunham-se não tomar alimento durante 48 horas - tempo previsto para essa reunião.

No dia 31 ao fim da tarde deu-se uma intervenção policial com grande aparato. Todas as pessoas presentes resistiram solidária e pacificamente, tendo sido levadas à força para a esquadra do Rato, onde se procedeu à sua identificação. Foram depois conduzidas para a prisão do Forte de Caxias, onde se mantiveram incomunicáveis até ao dia 3, as seguintes pessoas:

JOÃO CALACHO (livreiro)  
JOÃO QUA (estudante no ISCEF)  
FRANCISCO PEREIRA D. LOURA (professor catedrático no ISCEF)  
LUIS MOITA (professor)      MANUEL COELHO (estudante de MEDICINA)  
NOMERO SILVA CARDOSO (publicista)  
JORGE TELANS (estudante no IST)  
JOÃO CARVALHO  
MUNO TEOTÓNIO PEREIRA (arquitecto)  
JOSE GALAMBA DE OLIVEIRA (estudante de Direito)  
MARIA B. MEDITA GALAMBA D. OLIVEIRA (bibliotecária)  
FRANCISCO LOUÇA (estudante liceal)  
JOÃO PIMENTEL GONÇALVES (estudante liceal)  
MIGUEL TEOTÓNIO PEREIRA (estudante liceal)

Os quatro últimos, entre os quais se contam três estudantes liceais, foram libertados dia 3, ao fim da tarde. Neste mesmo dia foram passadas buscas às residências de todos os presos.

A partir do dia 4, algumas das pessoas que foram identificadas, incluindo alguns dos detidos, têm vindo a ser chamadas ao Gabinete do secretário do ministro do Interior, onde na presença de um juiz e do capitão Cascais, lhes são feitas as seguintes perguntas, redigidas pelo próprio ministro:



1. Esteve presente no dia 31 de Dezembro de 1972 na Capela da Calçada Bento da Rocha Cabral, 1B, e na chamada "greve da fome contra a guerra colonial"?
2. Solidariza-se com a referida greve?
3. Qual a função pública que exerce?

A estas perguntas só são permitidas 3 respostas: "SIM", "NÃO" ou "NÃO RESPONDO".

É de notar o carácter capcioso deste questionário que procura deliberadamente deturpar o sentido das respostas e comprometer as pessoas.

MOÇÃO APROVADA NO RATO EM 31.12.72

Considerando:

1. A guerra injusta contra os povos de Angola, Moçambique e Guiné.
2. Que o fim da guerra é manter os povos africanos numa situação de escravidão.
3. Que esta guerra se integra, na lógica, no conceito de imperialismo.
4. Que o povo português é também vítima deste processo de exploração e opressão, pois é o mesmo governo que promove as guerras coloniais, que explora, oprime e reprime os trabalhadores portugueses.
4. A luta dos povos das colónias é uma luta justa.

1º Repudiam vigorosamente a política do governo português de prosseguir uma guerra criminosa com a qual tenta aniquilar movimentos de libertação das colónias portuguesas, nas quais morrem, ficam feridos e incapacitados milhares de jovens portugueses.

2º Denunciam igualmente a atitude de cumplicidade da hierarquia da Igreja Católica portuguesa face a esta guerra e aos problemas que ela põe ao povo português.

3º Denunciam toda a repressão de que têm sido vítimas muitos trabalhadores e jovens portugueses por se manifestarem contra esta guerra criminosa assim como o esmagamento dos movimentos e organizações democráticas.

4º Manifestam a sua solidariedade com os povos das colónias em luta pela sua libertação.

5º Solidarizam-se com todos os portugueses que têm lutado e lutam conseqüentemente pela instauração de uma sociedade justa.

6º Apela vvementemente para todas as pessoas que têm consciência ou sentem essa situação, para se unirem num esforço conseqüente de luta contra a exploração e opressão exercida sobre o povo trabalhador.



EXTRACTOS DO COMUNICADO DISTRIBUÍDO À POPULAÇÃO NO DIA 31.12.72

(...) A guerra tem levado este país, já antes miserável, ao maior descalabro. A guerra destina-se a defender as riquezas que uns quantos têm em África, à custa do sacrifício do povo português, de tal modo que os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres.

O dinheiro público que, embora exíguo, devia ser utilizado a favor dos trabalhadores, é desviado para a guerra de tal modo que, mesmo as fingidas reformas do Governo, principalmente o ensino e a saúde, deram no maior falhanço. (...)

O Governo português fala das riquezas do "Ultramár" como se alguma vez elas aproveitassem à população portuguesa e que esta estivesse em risco de as perder se a guerra terminasse. (...) Estas riquezas aproveitam sim a umas quantas famílias que lá se instalaram, explorando o trabalho da população negra, que aí vivia desde sempre, tal como cá exploram o trabalho dos operários e camponeses. (...) Para isso deslocam para África um exército inteiro, não deixando escapar nenhum jovem de 20 anos sem o atirar para a guerra. Os ricos e o Governo dos ricos arrastam para África um exército de pobres para defender terras que não lhes pertencem e para matar negros tão explorados como eles que, ao fim de séculos, se organizaram para conquistar o que é seu. Avalanches de jovens vão para a guerra donde muitos não voltam, donde outros voltam aleijados e muitos com a cabeça de tal modo perdida que nunca mais são o que foram. Enganam-nos dizendo que os "terroristas" são o inimigo. Os "terroristas" e as suas famílias estão na terra deles e querem-na para si; são os soldados portugueses que vão para lá fazer a guerra, deixando a sua família e o seu país. Matam-se e odeiam-se por engano brancos e pretos e assistem a tudo isto, cínicamente, os que aproveitam.

Muitos dos que não querem fazer a guerra, milhares de camponeses, muitos estudantes e operários, vêem-se obrigados a fugir, emigrando para a França e outros países, a maior parte fugindo a duas coisas- à guerra e à miséria. Assim se vê o país despovoado.

(...) Os portugueses (...) tornaram os negros escravos, venderam-nos para vários países, sobretudo para a América (...) enquanto que todos os países da Europa foram largando as colónias, Portugal ficou sempre, dizendo que estava a defender os valores cristãos do Ocidente, palavreado que escondia que o que estava a favor era a continuar um regime de escravatura. Os negros foram sempre mantidos na ignorância e no medo, para depois poderem demonstrar que eles eram inferiores; são tão inferiores como qualquer camponês das Beiras- se vier para a cidade, estudar e poder comer,



deixa de ser ignorante. Os poucos negros que estudam na nossa Universidade são tão bons alunos como os brancos (...) o caso das colónias portuguesas passou (...) a interessar outros países capitalistas; para explorar compreendem-se todos, mesmo que tenham línguas diferentes (...) Acabemos com a guerra. O fim da guerra pode ser o fim do Governo português, que desse modo perde o seu grande apoio, que são as colónias.

Organizemo-nos para acabar com a guerra. (...)

+++ +++ +++

Esta luta só terá significado e eficácia se todos a continuarmos, rompendo sob todas as formas o silêncio que nos é imposto e com o qual temos colaborado,

LUTEMOS CONTRA O MEDO QUE NOS ENVOLVE!

DIVULGUEMOS ESTAS INFORMAÇÕES!

ORGANIZEMO-NOS EM MOVIMENTOS DE SOLARIEDADE!

7 de Janeiro de 1973

